



Era noite e nós cantávamos

Sérgio Cintra

Abril de 64 iniciou com as ruas tomadas por tropas e tanques. Os militares, com apoio dos Estados Unidos e forças políticas reacionárias, depuseram o presidente João Goulart que se exilou no Uruguai. Era o começo de um dos mais nefastos períodos da história do Brasil.

Logo vieram cassações e censuras. Um imenso silêncio começa a tomar conta do país. A esquerda brasileira cai na clandestinidade e reage como pode às prisões e às torturas. Da luta armada à música de protesto, fez-se o possível para que a democracia não perecesse. E foi um longo e dolorido caminho...

No final dos anos 50, surgia um novo jeito de tocar e cantar, com forte influência do jazz e, até então, com temas leves e descompromissados. A casa da menina Nara leão era o local onde se encontravam os precursores do novo estilo musical. Ali, reuniam-se Carlos Lyra, Roberto Menescal, Ronaldo Bôscoli, Léo Castro Neves e João Gilberto, entre outros.

Podia se ouvir em “Chega de saudade” (Tom Jobim e Vinícius de Moraes) a nova batida do violão inventada por João Gilberto. Jobim já fazia parte da noite carioca com canções que se tornariam clássicos da Bossa Nova como “Desafinado” e “Samba de uma nota só”. Beberam nessa fonte, posteriormente, outros grandes da MPB como Dori Caymmi, Francis Hime, Wilson Simonal, Caetano, Gil, Toquinho e Chico Buarque. Este participou do programa, apresentado pela incomparável Elis Regina, na Record. “O fino da bossa”. Em 1965, a TV Excelsior lançou o 1º Festival Nacional de Música Popular Brasileira, Chico participa com “Sonho de um carnaval”, defendida por Geraldo Vandré que cantou “Deixei a dor em casa me esperando/ E brinquei e gritei e fui vestido de rei”; porém, Sai vencedora “Arrastão” de Edu lobo e Vinicius, interpretada por Elis Regina que com uma força impressionante, literalmente, arrastou a plateia cantando “He, tem jangada no mar/ He, hoje tem arrastão/ He, todo mundo vai pescar” levando o “Berimbau de ouro” e dez milhões de cruzeiros. (Nem faço ideia de quanto seria isso hoje).

As nuvens se adensavam em 66, a Ditadura havia imposto dois atos institucionais (AI1 que cassou os direitos políticos de 102 pessoas e o AI2 que estabeleceu o bipartidarismo e a eleição indireta pra presidente) e mais, com o AI3 que introduziu eleições indiretas pra governadores e a indicação dos prefeitos das capitais e dos municípios ditos de segurança nacional.

Em meio ao recrudescimento do regime e com nítida certeza dos anos de chumbo, TV Record promove o Festival de Música brasileira, em São Paulo. Desta vez, Chico Buarque vence com “A Banda” cantada em parceria com Nara: “A minha gente sofrida/ Despediu-se da dor/ pra ver a banda passar/ Cantando coisas de amor”; mas divide o prêmio com “Disparada” de Geraldo Vandré e Téo Barros, na voz de Jair Rodrigues: “Prepare seu coração/ Pras coisas que eu vou contar/ Eu venho lá do sertão/ Eu venho lá do sertão/ e posso não lhe agradar”. Nos dois primeiros lugares havia, ainda que veladamente, laivos de indignação com a realidade política.

Esses primeiros momentos da Ditadura e da tentativa de uma resistência através da música precisam ser melhor discutidos e, nessa revisão, estabelecermos um contraponto com a música atual e a realidade política do Brasil. Na semana vindoura, vamos passear pelos festivais de 67 e 68 e, também, pela década do “Milagre Econômico” para sabermos se a máxima “Quem canta, seus males espanta” é mesmo verdadeira.

No festival de 1967, mais conhecido como o festival da virada, “Ponteio”, de Edu Lobo e Capinam, leva “O Sabiá de Ouro”. Contudo, ficam eternizados os segundo e terceiro lugares: “Domingo no Parque”, de Gilberto Gil, que, aliás, declarou que os versos “O rei da brincadeira – ê José/ O rei da confusão – ê João/ Um trabalhava na feira – ê José/ Outro na construção – ê João” foram um erro e em nada contribuíram para a tomada de consciência do brasileiro; e “Roda Viva”, de Chico, que entranharam na alma dos que fazem da existência um pouco mais que meros rótulos

e conseguem apalpar a poesia que habita os versos
“Tem dias que a gente se sente/ como quem partiu ou
morreu/ A gente estancou de repente/ Ou foi o mundo
então que cresceu”.

Veio 68 com mais turbulência, a França exportava
ideais anárquicos e revolucionários do famoso “maio
de 68”, parte da esquerda brasileira havia aderido à
luta armada. A guerrilha urbana ia desde a
expropriação de capital (para a direita, assalto) até a
execução de militares estadunidense a serviço do
regime vigente.

O Brasil era invadido por eletrodomésticos, a
classe média trocava liberdade e democracia por
bugigangas, os guerrilheiros estavam
irremediavelmente destinados à derrota que viria no
início da década de 70, com a intensificação da
repressão e o “milagre” econômico de Emílio
Garrastazu Médici. Neste contexto, acontece mais um
grande festival (III Festival Internacional da Canção,
TV Globo). Tão ou mais aguerrido que os outros, com
direito a vaias, tomates e ovos.

Talvez o mais emblemático de todos porque o “Galo de Ouro” tenha ficado com “Sabiá” de Tom e Chico e não com Vandrê com a nossa mais famosa música de protesto que se tornaria símbolo da resistência contra a Ditadura: “Pra não dizer que não falei das flores”.

Houve muitos e tantos outros festivais que foram responsáveis pela formação e revelação dos principais nomes da MPB. A total ausência de democracia, a truculência dos militares, a Guerra Fria e a censura aos meios de comunicação contribuíram para que alguns tentassem, através de uma música engajada e de protesto, mudar a realidade.

Dentro desse viés, ter-se-ia que, obrigatoriamente, se falar no Tropicalismo que com seu “Panis et Circences” que se opuseram à Jovem Guarda, mas aí só fazendo outro artigo. Sei que você dirá que ficaram muitas músicas que mereceriam ser citadas. Concordo, mas o que há de se fazer.

Prefiro encerrar com uma ou outra que você, eventualmente, não conheça, por exemplo, “Paraíso das Hienas” de Accioly Neto, revelado do início dos anos 80, cantada de forma esplendorosa por Jesse: “Abençoi as hienas/ Principalmente as morenas/ Tricampeãs mundiais/ Pois desse lado do muro/ O jogo é tão duro, meu pai/ Que só ter piedade de nós não vale a pena / Oração não voga quando não há vaga/ Coração não roga quando só há raiva/ E a roupa do corpo três vezes ao dia/ Novena não paga ao homem da venda/ Não adianta nada, não enche barriga/ Subir de joelhos as escadarias/ Abençoi as hienas/ Principalmente as “da Silva”/ Campeãs de carnavais/ Pois desse lado do beco/ O olhar é tão seco, meu pai/ Que só ter piedade de nós não vale a pena...